

## A ATUALIDADE DO PENSAMENTO POLÍTICO DE ROSA LUXEMBURGO

Por *Alexsander Machado e Geraldo Balduino Horn*

[jornalsisifo@gmail.com](mailto:jornalsisifo@gmail.com)

Rosa Luxemburgo é a herdeira teórica de Marx ainda capaz de inspirar a realização da sociedade verdadeiramente humana e livre. Quando se removeu a barreira ideológica do stalinismo na Rússia, o pensamento político de Rosa Luxemburgo voltou à tona, embora muitas vezes reduzido a uma caracterização simplista sobre a espontaneidade das massas.

Militante, professora do partido social democrata da Alemanha, internacionalista e sobretudo uma pensadora dialética que ousou lutar ao mesmo tempo contra a burocracia oportunista da ala reformista da socialdemocracia e contra os horrores da verdadeira face do capitalismo: a guerra.

Para tentar entender o pensamento de Rosa Luxemburgo é necessário compreender que ela não é uma teórica do capitalismo que permanece passiva diante dos acontecimentos históricos de sua época. Rosa Luxemburgo é antes tudo uma militante forjada na práxis. Desse ponto de vista, suas interpretações do marxismo não podem ser dissociadas de sua luta cotidiana junto ao proletariado. Quando se reconhece essa chave de leitura da obra de Rosa Luxemburgo, percebe-se que seus textos são a teorização do movimento real, por isso atuais e ainda uma inesgotável fonte de inspiração frente à submissão passiva e voluntária do sindicalismo em sua estratégia de alienação da luta pela via da judicialização.

Uma das polêmicas levantada por Rosa Luxemburgo diz respeito ao centralismo partidário. Isso não significa, contudo, que Luxemburgo negue a necessidade de um partido, ou dos sindicatos. Para ela o maior defeito do centralismo consiste em tentar estabelecer um plano, “uma vontade predeterminada de fora” aos membros do partido. Isso parece reduzir a auto atividade da classe trabalhadora a uma mera ferramenta nas mãos do “comitê central”. A consciência da tarefa histórica se autonomiza na

abnegação e na alienação das tarefas práticas da classe trabalhadora. A revolução deixa de ser um “processo” de ajuste onde “organização, esclarecimento e luta” são momentos complementares. A massa torna-se mais dependente da direção central e adquire uma feição mais reativa. A possibilidade de novas estratégias de luta surgirem ao longo do processo é bloqueada. A passividade toma o lugar da invenção.

A medida que o partido se torna um sistema conservador e se estende para o fortalecimento “artificial”, o que está em jogo é contenção da astúcia da massa, pois “apenas ela” transcenderia o estabelecido não na rígida orientação, mas “na utilização de todos os meios em cada situação”. Para isso, o desenvolvimento da socialdemocracia precisa contar com o envolvimento do “conjunto do movimento”. Com a limitação do pensamento, a “iniciativa revolucionária” caminha para o oportunismo. A preocupação do partido e dos sindicatos não deve “controlar” a atividade partidária, mas “fecundá-la”, pois “não é a letra do estatuto, mas o sentido e o espírito nele introduzido pelos militantes ativos que determinam o valor de uma forma de organização”. A luta atual contra a concepção centralista do partido se justifica pela emergência de novas formas de luta diante dos poderes estabelecidos. Por isso, conclui Rosa, o centralismo precisa ser um “autocentrismo”. A educação da massa tem como resultado final do processo o “domínio da maioria no interior da sua própria organização partidária”.

Rosa Luxemburgo foi assassinada em janeiro de 1919, mas seus escritos mantêm viva a essência de sua luta e a natureza de seu pensamento revolucionário. Hoje, mais do que nunca, o capitalismo avança e aprofunda cada vez mais a contradição entre capital e trabalho – privatização, mercadorização, destruição da natureza e de outras culturas – demonstrando que ainda temos muito para aprender com essa incansável pensadora. O reformismo nunca levou à vitória permanente, mas a uma conquista efêmera. A judicialização é o oportunismo estoico dos nossos dias. Por isso, é nossa tarefa semear o terreno da luta cotidiana para que novas Rosas possam florescer. Rosa Luxemburgo, presente!



## SOBRE A AUTONOMIA DE PENSAMENTO NA ESCOLA A PARTIR DA BNCC

Por **Jéssica Coimbra Padilha**  
Doutoranda PPG-UFMS  
[combrajee@hotmail.com](mailto:combrajee@hotmail.com)

Nesse texto apresentam-se algumas ideias sobre a possibilidade da constituição da autonomia de pensamento, a partir de nossa leitura da Base Nacional Comum curricular (BNCC, 2018). Tem-se como objetivo, promover uma reflexão a respeito do conceito de autonomia, que parece ter sido negligenciado de forma considerável e, ao mesmo tempo, reafirmá-lo como objetivo fundamental da escola pública. Defendemos que tendo em vista uma reflexão educacional, devemos pensar sobre as condições para que as crianças e os adolescentes se tornem quem eles desejam se tornar, porque o conceito de “autonomia” está relacionado com a capacidade de governar a si mesmo, isto é, ser movido por suas próprias leis. Contudo, não esqueçamos que a escola é um espaço de formação e que esta se dá pelo governo dos adultos, os professores, sobre os jovens. Há a necessidade de possibilitar que estes tenham espaço para suas reflexões, orientados pelos adultos, professores, os responsáveis por sua formação.

Observando algumas modificações da BNCC, terceira versão, 2018, como por exemplo, a substituição de disciplinas por competências gerais, bem como a não explicitação dos temas/conteúdos a serem tratados, destacamos a presença de uma perspectiva conservadora. O documento deixa de enunciar temas sociais que são de imensa importância, como, por exemplo, *gênero*. Consideramos que esta situação pode impossibilitar que as crianças e os jovens constituam seu processo de autonomia, pois a escola é o espaço primordial para a reflexão sobre diversas questões sociais e culturais, como as de gênero. Dificilmente as famílias propiciam a emergência de reflexões sobre este tema. Assim, tendo em vista que um dos objetivos da escola é a constituição da autonomia de pensamento, se esta reflexão não ocorrer na escola como os alunos terão algum posicionamento sobre o assunto? Entendemos que o conhecimento e a problematização sobre este tema poderia ser uma das formas para evitar-se o preconceito, por exemplo.

Ademais, disciplinas que poderiam contribuir com tal problematização são transformadas em *estudos e práticas*, sem que se apresentem delimitações, bem como explicações do que exatamente significam tais expressões, como é o caso da Filosofia e da Sociologia. Diante disso, assuntos que emergem na sociedade não possuem alguma garantia de que serão tratados em sala de aula, pois temas sociais ficaram ausentes do documento. Neste caso, novamente perguntamos sobre o desenvolvimento da capacidade de pensamento dos estudantes na escola? Não é disso justamente que se trata a educação? Morris observa: “*Tenho um conhecimento razoável do latim para saber que essa*

*palavra deve vir de educere, ou seja, fazer sair*”. (MORRIS, 1957, p.137).

Precisamos, então, fazer a defesa da escola pública de qualidade. É necessário renová-la como questão pública (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014). Isso significa dizer que é preciso defender e reinventar a escola que temos hoje. É preciso que na escola sejam constituídas formas concretas para que jovens e crianças pensem sobre o mundo e para que reflitam sobre como querem agir. Destacamos que não se trata de salvar, de alguma forma, a velha instituição escolar. Porém, é necessário articular tal reinvenção a partir da escola que já existe, conforme destacamos na seguinte passagem:

Reinventar a escola se resume a encontrar formas concretas no mundo de hoje para fornecer “tempo livre” e para reunir os jovens em torno de uma “coisa” comum, isto é, algo que aparece no mundo que seja disponibilizado para uma nova geração. Para nós o futuro da escola é uma questão pública, ou melhor, com essa apologia queremos torná-la uma questão pública. (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 2).

Preservar e garantir a existência da escola pública para afirmá-la como lugar de templo livre - *Skholé* – para o pensamento. É nela que os estudantes se tornam atentos para as coisas do mundo de maneira diferente, ao serem destacadas de seu uso privado. A escola é o tempo e o lugar, que produz o “momento mágico”, aquele momento “quando alguma coisa fora de nós mesmos nos faz pensar, nos convida a pensar ou nos faz coçar a cabeça” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 51). Além disso, por vezes, a escola é o único tempo e lugar onde crianças e adolescentes, moradores de periferias podem ter acesso a música, à arte, à filosofia, entre outros saberes e atividades. Ao nos referirmos à terceira versão da BNCC, 2018, nos parece que esta condição e papel da escola ficam ameaçados. É preciso pensar em estratégias para defendê-la. Reiteramos, pois, nosso posicionamento com a seguinte afirmação: “a questão sobre a responsabilidade pela educação democrática no lugar a que ela realmente pertence, a saber, a sociedade em geral”. (BIESTA, 2013, p.190). A sociedade como um todo, portanto, precisa dar condições para que a escola se fortaleça como *skholé*, ou seja, um tempo e lugar de suspensão e de profanação daquilo que está “enraizado na sociedade, no cotidiano” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 40). É este processo, certamente, que desenvolve autonomia de pensamento.

### Referências

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. A Política Curricular da Educação Básica: As novas Diretrizes Curriculares e os Direitos à aprendizagem e ao desenvolvimento, 2013.

BIESTA, Gert. Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano. Belo Horizonte, Autêntica, 2013.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Marteen. Em defesa da escola: uma questão pública. Belo Horizonte, Autêntica, 2014

**FILOSOFIA DE VIDA**

**Por Pedro Moreira da Silva Neto**  
**Fundação Cultural de Curitiba**

[casasdopedro@gmail.com](mailto:casasdopedro@gmail.com)

Isso aconteceu faz muito tempo e ninguém esqueceu, e, amanhã, um dia que retorna, um futuro que se desencanta, quer ser passado e não consegue. É muito triste para o futuro querer-ser ausência do presente. Muito chato mesmo, para ele, que recai sobre a pele do tempo. E se inventa o futuro do presente, e, novamente, e de maneira nova se recompõe com aquela cara inefável de sábio e vai à frente, segue o andarilho das horas e se retém e desaparece no turbilhão dos acontecimentos. Ele sabe que virão novas formas, o conteúdo delas, a se manifestar. Isso acontece todos os dias, desde o intransponível passado até aonde se possa imaginar, no que-há-devir. É um caso estranho e se pensa na vida.

A história como um barco carregado de possibilidades. Falo de nós, o que nos prende uns aos outros e o que nos distancia entre laçarotes enfeitados da caixa de Pandora que um dia, enfim, nos ofertará o presente. E abriremos os laços de fita e divisaremos o esplendor. A verdade, maior que a científica, que a poética humana possa realizar. Esses nós, que é mesmo nó sobre nó que em quantidade não conhecida, indefinida, faz com que pronunciemos nós. Essa noseira toda faz que se diga que somos em nós mesmos a presença nódica da totalidade. Por isso pensamos como que fora de todos os nós górdios, nós cegos em que certamente nos entrelaçamos. Pensamos como que manifestasse a individualidade. Uma abstração, uma invenção de que não participantes da totalidade que nos faz totalmente identificados, vivos entre homens nos fizesse algo que ao se pronunciar elegeria um único, suficiente e bastante eu-mesmo.

É certo que a verdade não está no fundo dos olhos, o que aparenta é mais dúvida do que certeza, como nos diz Spinoza que é certo como a luz que se manifesta seja estendida às trevas, assim se faz que a verdade seja a norma, uma medida ou garantia em que se apresente. A claridade nos retirará da caverna, nos mostrará o quanto estamos presos e nos libertará da escuridão da ignorância. E se alguém parte, se morre, se é excluído, se é abandonado, algo falta, uma sombra percorre os caminhos e voltamos a nos perder.

A presença física é por si mesma o gesto, a manifestação total e completa de humanidade. Nos

reconhecemos uns aos outros no imediato, podemos também imaginar o outro e a nós mesmos. Podemos desenhar, descrever, criar códigos que os nossos sentidos explicitem o nosso pensamento. Mas é a palavra que como nuvem que flutua sobre o diverso e entre tantas possibilidades faz cair a água que nos atinge, rega a horta e o nosso jardim. Enfim, que enche a cisterna e mata a sede com sentidos e significados, como melhor diz Vigotsky (1991) que não é possível ao homem pensar sem a palavra. As funções psíquicas superiores, antes de serem essa fala interna foram externas, sociais, antes de ser tornarem pensamento em palavra.

A integração significativa das palavras em um contexto produz conceitos que conjugam entre relações e interações o aprofundamento necessário da vida ativa.

O pensamento em conceito se relaciona com a consciência social. O adolescente se descobre como alguém em busca de um lugar. Um viajante para o futuro que a cada passo se abre como que no imediato de cada movimento. As perguntas aristotélicas se ampliam: quando? Para quê? De que modo? O pensamento em conceitos, as palavras motivadas tornam-se significativas. A base da transição pode ser entendida como uma Filosofia de Vida, um pensar em viver. E como se pudesse dizer que há um modo em que nos tornamos aquele que pensa.

A Filosofia de Vida, aos poucos, se houver quem a auxilie, se estrutura em Projeto de Vida. Esse projeto que se encaminha a uma síntese: a profissão. A Filosofia de Vida reflete os significados da vida social, da vida cultural, e faz emergir um sentido pessoal que o leva à escolha profissional. Como está em Marx, ele põe em ação as forças naturais que formam a sua corporeidade. Incorpora e assimila a própria vida ao se relacionar com o que a natureza lhe oferece. A escolha profissional é a aldrava, a campainha, e, também, a maçaneta e o trinco da porta. Quem por ela entra ou é convidado a entrar pode atravessar o limiar com seus próprios passos.

A tábua de salvação, a dúvida flutua ao seu lado no mar das incertezas, e, para alcançá-la necessita de que a percepção em que a subjetividade manifesta sua verdade singular se realize através do pensamento em conceitos. Assim poderá abrir o portal e atravessar os horizontes que o levam à vida ativa, ao mundo interconectado dos nexos em que aprofundará entre relações e interações, e mais que significado coletivo, o singular sentido da vida.

# PROGRAMAÇÃO DO NESEF - 2019

## SEMINÁRIOS TEMÁTICOS DE FORMAÇÃO

Os encontros dos grupos de estudo do NeseF **GEFIL** (Grupo de Educação Filosófica) e **GEEP** (Grupo de Economia Política) ocorrerão nas **quartas-feiras, das 14:00 às 17:00, na sala 240, Ed. Teixeira Soares – Rebouças – UFPR**. Além desta programação, os grupos **G-Filo** (Grupo de Estudos Filosofias Outras), **G-Cinema** (Grupo de Estudos sobre Filosofia, Educação e Cinema) e **G-Olimpíada Filosófica** têm agendas específicas que serão divulgadas no próximo número d'O Sísifo - edição de março/2019. A programação poderá ser consultada no site do NeseF: [www.nesef.ufpr.br](http://www.nesef.ufpr.br)

13, 20 e 27 de março	Seminário I (GEFIL)	Educação Filosófica e Método	Mediação: Geraldo Balduino Horn, Valéria Arias e Ana Carolina Morello
03 de abril	Seminário II – Parte I (GEEP)	Filosofia e os Clássicos de Economia Política	Mediação: Marcelo Marcelino, Bernardo Kestring e Lafaiete Neves
10, 17 e 24 de abril	Seminário III (GEFIL)	Pesquisa em Educação Filosófica	Mediação: Edson Teixeira, Ademir Pinhelli Mendes, Wilson José Vieira e Geraldo Balduino Horn
08 de maio	Seminário II – Parte II (GEEP)	Filosofia e os Clássicos de Economia Política	Mediação: Marcelo Marcelino, Bernardo Kestring e Lafaiete Neves
15, 22 e 29 de maio	Seminário IV (GEFIL)	Filosofia e Educação em Benjamin	Mediação: Márcio Jarek, Giselle Schnorr, Raquel Zanini e Alessandro Vorussi
05 de junho	Seminário II – Parte III (GEEP)	Filosofia e os Clássicos de Economia Política	Mediação: Marcelo Marcelino, Bernardo Kestring e Lafaiete Neves
12, 19 e 26 de junho	Seminário V (GEFIL)	Marcuse, juventude e resistência	Mediação: Elisane Fank e Geraldo Balduino Horn
03 de julho	Seminário II – Parte IV (GEEP)	Filosofia e os Clássicos de Economia Política	Mediação: Marcelo Marcelino, Bernardo Kestring e Lafaiete Neves
14, 21 e 28 de agosto	Seminário VI (GEFIL)	Reforma social ou revolução em Rosa Luxemburgo	Mediação: Alexsander Machado e Gustavo Fontes
11, 18 e 25 de setembro	Seminário VII (GEFIL)	Estética e Educação em Lukács e Adorno	Mediação: Delcio Junkes, Luciana Lima e Alessandro Reina
09, 16 e 23 de outubro	Seminário VIII (GEFIL)	Filosofia Política em Gramsci	Mediação: Anita Helena Schlesener, Giselle Schnorr e Rafael Athayde
13, 20 e 27 de novembro	Seminário IX (GEFIL)	Pesquisas em educação filosófica	Mediação: Geraldo Balduino Horn, Mayco Martins Delavy, Elisane Fank, Alessandro Reina, Avanir Mastey, Claudinei dos Santos Dias, Rafael Athayde, Alexsander Machado e Hélio Camilo Rosa)